

Pietra Azevedo¹

Artigo livre

***“A SENHORA É DESTRUIDORA MESMO”:
ETNOGRAFANDO A SOCIALIZAÇÃO E A
SOCIABILIDADE ENTRE AS TRAVESTIS NO
CONTEXTO URBANO MOSSOROENSE²***

***“YOU SLEW IT, GIRL”:
THE SOCIALIZATION
AND SOCIABILITY AMONG TRAVESTIS IN
THE URBAN CONTEXT OF MOSSORÓ***

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

² Agradeço as contribuições do Grupo de Trabalho “Relações de gênero, corpo, sexualidade e saúde no nordeste brasileiro” da XVI Semana de Antropologia da UFRN (2018) na qual esse trabalho foi apresentado. É importante pontuar que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Com expectativa de vida de 35 anos de idade, residindo no país com os maiores índices de mortes motivadas por transfobia no mundo e com a prostituição sendo a principal atividade remunerativa para cerca de 90% das travestis, estas performam suas identidades no Brasil. A partir de uma pesquisa etnográfica realizada com quatro travestis entre julho de 2015 e setembro de 2017, nos moldes da antropologia social com base na observação participante, discutiremos sobre a socialização e a sociabilidade entre as travestis no contexto urbano mossoroense. Nas sinuosidades das relações e trocas sociais encontramos manutenções e rupturas dos modelos que são estendidos através da prostituição e do conflito social que alimentam a hostilidade e a rivalidade entre as travestis. Visualizamos que há espaços para transformações desde os processos de trocas e aprendizagens até os relacionamentos estabelecidos no cotidiano, onde foi possível perceber a emergência de avanços na aceitação familiar e produção de novas referências e na construção de relações amistosas, de solidariedade e apoio mútuo, ainda que incipientes, mas que gradativamente estão modificando esse contexto, produzindo novas formas de interação social.

PALAVRAS-CHAVE: Travesti, Socialização, Sociabilidade, Conflito social.

ABSTRACT

With a life expectancy about 35 years old, living in the country with the highest level in the world of deaths caused by trans-phobia and prostitution being the main paid activity to around 90% of the travestis, they perform their identities in Brazil. Based upon ethnographic research developed with four travestis between July 2015 and September 2017, in conformity with social anthropology derived from a participant observation study, we aim to discuss socialization and sociability among travestis in the urban context of Mossoró. In the sinuosity of the relations and social exchange its possible to find maintenance and breach of the models that are extended through prostitution and the social conflict that feeds hostility and rivalry among travestis. Its seen that there are spaces for the transformations from the processes of exchanges and learning to the relationships laid down in daily life, where was possible to perceive the emergence of advances in familiar acceptance and building new references and friendly relations of solidarity and mutual support, even though in early stages, but that gradually are modifying this context, generating new social integration shapes.

KEYWORDS: Travesti, Socialization, Sociability, Social conflict.

*“Um beijo pra quem é de longe
Um beijo pra quem é daqui
Um beijão para o meu bonde
Um beijo pras travestis”
(Um beijo - Mc Xuxu).*

1. “SE JOGA, MONA!”: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Ao realizar uma pesquisa de campo antropológica com quatro travestis, entre junho de 2015 e setembro de 2017, busquei analisar alguns processos de socialização e as redes de sociabilidades entre as travestis na cidade de Mossoró/RN¹. Este investimento intelectual tem caráter descritivo, analítico, qualitativo e multidimensional, no qual utilizo da etnografia como método e escrita interpretativa, que considera as experiências reais observadas e experienciadas em campo.

Reconhecendo a etnografia como uma descrição densa, que condiz à descrição interpretativa e microscópica da realidade estudada (GEERTZ, 2008), empreguei como técnicas de construção do conhecimento analisado: a comunicação verbal, a observação do comportamento manifesto, o contato via redes sociais e a manutenção de um diário de campo.

No início da pesquisa selecionei quatro travestis², dentre as várias que tinha estabelecido contato, baseando-se no grau de aproximação/empatia e diversidade dos “perfis”. Esta atitude metodológica caracteriza o *locus* como “fragmentado”. A quantidade proposta de interlocutoras foi pensada tendo por base a dificuldade de acompanhar o cotidiano de um número alto de travestis de forma individual. O acompanhamento de seus cotidianos permeou vários lugares, como domicílios delas e meu, festas diversas, teatro, escola, universidade, centro da cidade, entre outros espaços, realizado majoritariamente de forma individual.

Os cotidianos das interlocutoras Ana³, Gaby, Karla e Paola se cruzam em

¹ Conhecida como a capital do Oeste Potiguar, tem quase trezentos mil habitantes, sendo considerada a segunda cidade mais populosa do Estado, atrás apenas de Natal, a capital. A economia mossoroense tem como alguns dos seus segmentos a fruticultura irrigada, a indústria extrativa e a indústria salineira, sendo a maior comercializadora de sal do país. A cidade é conhecida principalmente pela festividade junina – Mossoró Cidade Junina –, por ter tido o primeiro voto feminino do país, pela libertação dos escravos antes da Lei Áurea e pela resistência histórica ao bando de Lampião. Mossoró representa, desta forma, uma centralidade frente aos demais municípios interioranos da redondeza.

² Vale salientar que a “escolha” foi realizada mutuamente. Pensar as interlocutoras como passivas já é algo obsoleto no fazer antropológico. Desta forma, muito mais que escolhas, a vivência antropológica possibilitou aquilo que Foote Whyte (2005) chamou de princípio de reciprocidade interpessoal, onde as interlocutoras têm papel ativo, inclusive em “aceitar” ou não quem está pesquisando. À exemplo prático: no início da pesquisa eu tinha “selecionado” uma travesti que depois disse não querer mais contribuir com o estudo. Portanto, a “escolha” envolve toda uma complexidade e relações de poder.

³ Os nomes das interlocutoras adotados nessa etnografia são fictícios pelo fato de serem discutidas questões delicadas sobre suas vivências. Compreendendo o dédalo circunscrito na questão do anonimato e a responsabilidade do autor na escrita exposto por Fonseca (2011) não só preferi não usar os nomes verdadeiros, como também tentei preservá-las ao traçar seus perfis de forma mais genérica.

ínfimos momentos. Já as trajetórias de vida delas têm marcadores comuns. Porém as especificidades também merecem ser assinaladas. Assim, aquilo que afirmo ser a performance identitária das travestis considera o que há de convergência, similitude e câmbio entre as singularidades das interlocutoras da pesquisa, bem como as particularidades que emergem sobre o campo da coletividade e expressam o descentramento da identidade travesti⁴.

Diante dos encontros e desencontros desses achados etnográficos, tento trazer contribuições para literatura da “socialização/sociabilidade travestis”, apontando as rupturas com o contexto da prostituição, as emergentes realidades de aceitação e interação social, o alargamento das redes de sociabilidades e outras formas de resistência sociopolítica e afetiva.

2. “A SENHORA É DESTRUIDORA MESMO”: SOCIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE ENTRE AS TRAVESTIS EM MOSSORÓ/RN

“A senhora é destruidora mesmo” é uma expressão que ficou conhecida através do *reality show* “Glitter: em busca de um sonho” exibido pela TV Diário, na qual travestis, transexuais, transgêneros, *drag queens* e gays participavam de provas concorrendo a um prêmio. “Fala na cara” era uma prova do *reality* que as participantes deveriam debater entre si, dizendo os motivos de sua oponente não ser merecedora de continuar no programa. Um dos embates mais emblemáticos foi entre as concorrentes Rochelly Santrelly e Sangalo. As frases proferidas por ambas viralizaram na internet, e a que estampa o título deste sub-tópico e do artigo, foi dita por Sangalo neste confronto. Mesmo satirizado e com expressões cômicas, esse quadro representa uma temática que perpassa os processos de socialização e as redes de sociabilidades de nós, travestis, isto é, as relações conflituosas e amistosas.

Berger & Luckmann (1973), pensando a socialização, entendem a interação social como experiência fundamental da vida cotidiana expressa pela relação face a face, comunicativa e intersubjetiva entre as pessoas, em um exercício constante de projeções e apreensões mútuas para/com o/a outro/a. E, segundo Goffman (1985), é por meio da socialização que representamos socialmente, e concomitantemente somos visualizados e apreendidos pelos/as outros/as. Já na discussão de estigma, Goffman (1988) pontua que é também através da socialização que as pessoas estigmatizadas tanto se reconhecem quanto percebem os desafios do estigma social que carregam. Logo, os espaços e ambientes de socialização de pessoas com mesmo estigma, são percebidos como lugares oportunos para compartilhar vivências de um “universo” comum.

⁴ Sobre essa discussão de performance identitária, tendo por base os textos de Butler (2016) e Hall (2006), elenquei alguns elementos constituintes dessa performatização: a politização da identidade ao buscar resignificar o termo “travesti”, a influência do *pajubá* na produção de uma identidade linguística, a feminilidade construída e reivindicada sistematicamente, a diferenciação de orientação sexual e identidade de gênero na afirmação da identidade travesti frente a alteridade, e a expressão *queer* da travestilidade (Retirado para avaliação cega)

No tocante às travestis interlocutoras, não abordarei acerca das primeiras socializações, ou seja, as trocas e aprendizagens iniciais, que correspondem desde a infância até pouco antes da transição de gênero, época que as interlocutoras se denominavam como “gayzinhas”. Desse modo, o enfoque recai sobre os processos de socialização após a reivindicação da travestilidade, em que o marco principal para as interlocutoras, é o começo da hormonização, ou seja, a ingestão de hormônios femininos acompanhada ou não do uso de bloqueadores de testosterona.

Nesta pesquisa, os processos de socialização entre as travestis correspondem, de forma sucinta, aos percursos de trocas e aprendizagens sobre técnicas de manipulação do corpo e performatização de gênero, tendo em vista a construção de feminilidades que subsidiam suas travestilidades. Segundo Benedetti (2005, p. 131) é “a incorporação do seu feminino que autoriza as travestis a personificar a ambiguidade, a polissemia de suas relações”. Em alguns casos, a socialização entre as travestis também pode referir-se a apreensão de estratégias de sobrevivência em várias esferas da vida social: nas relações familiares, afetivas-sexuais, de trabalho, etc.

É recorrente que as travestis no começo de transição recorram às que possuem mais idade para obter auxílio e instrução na construção das travestilidades, geralmente transpassada pela prostituição (KULICK, 2008; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2005; DUQUE, 2011). Entretanto, nenhuma interlocutora desta pesquisa teve outra travesti como “madrinha/mãe”, o que ocorria eram trocas de informações entre elas e outras travestis de suas localidades, não correspondente ao “amadrinhamento” que os estudos apontam entre travestis novas e velhas no contexto da prostituição.

Ana, interlocutora que conheci em espaços da militância, tinha 27 anos de idade e começou a transição de gênero aos 17 anos, era negra, moradora da periferia e vivenciava uma situação específica de socialização por possuir uma irmã mais nova que também era travesti. Ana tentava não interferir na transição da irmã, para que a mãe não interpretasse sua atitude como incentivo, que culminaria em uma implicância. Mas, segundo ela, era inevitável esta troca entre irmãs que partilhavam de processos de travestilidades. Ana relatou, por exemplo, que elas sempre tomavam hormônios juntas.

Um fator determinante para o tipo de socialização presente nos relatos das interlocutoras, era de não terem sido expulsas de suas casas, pois o contrário as levariam ao contato imediato com a prostituição e a cafetinagem, consequentemente aprendendo as técnicas de travestilidade por intermédio de uma travesti cafetina que se tornaria “madrinha” delas. Segundo Kulick (2008, p. 55) “longe da família [as travestis] acabam travando conhecimentos com travestis mais velhas e experientes, e às vezes com amantes e clientes, pessoas que irão aconselhar e ajudar na tarefa de se aperfeiçoar e de se completar como um ser feminino”.

Poder “transicionar” em casa com “apoio familiar” tem seus limites e negociações, e por mais distante que estivessem da prostituição, esta teria influência

direta nos processos de socialização, pois este universo foi e ainda é o principal *locus* das trocas e aprendizagens das travestis brasileiras, já que cerca de 90% das travestis e transexuais estão se prostituindo no Brasil, conforme assegura a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Benedetti (2005, p. 115) argumenta que

os territórios de prostituição constituem um importantíssimo espaço de socialização, aprendizado e troca entre as travestis (...) Há travestis que têm nas zonas de *batalha* o principal (e às vezes o único) ponto de encontro e convívio social. (...) É também nesses lugares que aprendem o *habitus* travesti. Esse é um dos importantes espaços em que as travestis se constroem corporal, subjetiva e socialmente.

Atualmente é possível, como nos casos das interlocutoras, estabelecer uma socialização para além da prostituição travesti e a partir de novas referências. Gaby, que era universitária, prostituta e tinha 31 anos de idade, comentou que aos 17 anos, início de sua transição, tinha uma amiga travesti mais velha, mas “ela por ser a mais velha não ajudou muito. Até tentava, mas era, sei lá, tipo uma pessoa que não tinha acesso à educação e não estava atendida para o avanço da modernidade”. Já Paola, a interlocutora mais nova, com 23 anos de idade, assinalava sobre os primeiros anos de sua transição iniciada aos 16, “eu olhava muito na internet, vídeos no YouTube de outras travas. Eu via as dicas assim. Pessoalmente com uma amiga trans eu não tive [orientação]... O primeiro vídeo que vi foi o de Liah Bracho falando de perlutan e tudo, depois disso eu fui me aprofundar no assunto. Depois que comecei [a tomar hormônios] eu trocava muita informação com outras”.

As duas narrativas sinalizam que os processos de travestilidades são modificados historicamente, onde os avanços na modernidade, no tocante ao reconhecimento de direitos da população trans, alargam as possibilidades de socialização. A internet⁵, com sua ampla rede de informações, ganha espaço nas experimentações e aprendizagens das travestis.

No entanto, no seio de possibilidades diversas na construção de referências e trocas, há sempre uma travesti na cidade incorporada como referência no início da transição. Karla, que tinha transicionado aos 13 anos de idade e preferia não contar a idade atual, comentou que “na época eu sempre via a Sarah Linss⁶, que também estava iniciando, porém estava bem à frente de mim no quesito de hormonização, cabelos grandes e tal (...) mas também sempre quando eu via alguma trans eu já me via exatamente daquela forma”. Gaby, que residiu durante muito tempo em outro município, falou que “nesta época [começo da transição] tinha uma na cidade muito feminina, uma mulher. Porém era uma bicha arrogante e que não permitia que nenhuma se aproximasse dela a não ser para esnoabar as mais novas (...) não tentei me aproximar, pois vi como ela tratava as outras, chegando até a humilhar”. Geralmente as travestis referências, conforme os rela-

⁵ O ambiente virtual, a partir dos trânsitos entre o *online* e o *offline*, tem sido um *locus* de estudo emergente na antropologia, investigado através da etnografia virtual.

⁶ Uma trans bastante conhecida em Mossoró/RN por ter trabalhado como modelo na maior agência do estado.

tos, são “bem menininhas”, isto é, bastante femininas na construção corpórea seja fruto da hormonização ou de procedimentos cirúrgicos, e estas devem expressar principalmente uma “beleza feminina natural sem exageros”⁷. Neste âmbito, Benediti (2005, p. 101) afirma que

a visibilidade social e a inserção cotidiana das travestis [referências] garantem um lugar de legitimidade para os desejos sexuais e de transformação vividos pelas novas *monas*. É uma das únicas referências positivas que elas têm em meio as repressões e proibições a que são submetidas.

Essas travestis que representavam referências de travestilidade influenciavam indiretamente nos processos de socialização, mas elas não necessariamente eram amigas das interlocutoras, como ficou evidente no relato de Gaby. Questionadas sobre as amizades com outras travestis nos primórdios da transição de gênero, as interlocutoras perfilharam:

Ana: “Eu não tinha uma amiga trava muito próxima, algumas indicavam os hormônios, mas eu sempre tinha receio... e algumas também falavam para eu não entrar na prostituição”.

Gaby: “Só tinha uma amiga que já era trava. O resto da turma estava toda em transição e a competição era muito grande (...) no mundo das trans há uma grande competitividade. Tipo a maioria não ajuda a outra, pelo contrário, tenta menosprezar a forma que você se veste, fazem piadas do cabelo quando começamos a deixar crescer”.

Paola: “Eu andava muito com a *Fulana*, a *Beltrana*... mas éramos todas gayzinhas afeminadas... eu conhecia Karla, mas não tinha contato com ela”.

Karla “No início eu só tinha amigas gays (...) no quesito dos hormônios eu apenas escutava de algumas que eu tinha contato, os nomes dos hormônios que elas tomavam, porém sempre tentei me virar sozinha, porque infelizmente nesse mundo sempre tem umas que querem ser melhores que as outras, então às vezes dão alguma dica errada só para fazer o mal (...) só depois que comecei a me hormonizar que tinha e tenho amizade com a *Fulana* que hoje mora na Itália”.

A competitividade, a rivalidade e conseqüentemente o receio já estão presentes desde muito cedo entre as travestis, conforme expressam os relatos, e têm interferência direta tanto nos processos de socialização quanto nas redes de sociabilidades construídas. Simmel (1983) percebe a sociabilidade enquanto forma lúdica de sociação demandada pela interação impulsionada e propositada entre iguais, tendo em vista que tudo que está presente nos indivíduos tem um conteúdo permeado por uma sociação.

Destarte, entendo a sociabilidade enquanto relações sociais fabricadas e estabelecidas simetricamente, ou não, entre pessoas no cotidiano. Já a socialização, compreendo-a como trocas e aprendizagens voluntárias ou não permeadas por relações de poder. No entanto, através da ampliação das redes de sociabilidade tornam-se prováveis mudanças e rupturas nos modos de vida construídos, possibilitando um processo de aprendizagem e assimilação de símbolos, códigos e referências circunscritas nessas redes. Simmel (1983, p. 170) defende que

⁷ Sobre os padrões de beleza travesti, Pelúcio (2005) aponta para a contextualização de diferentes formas de construção corporal das travestis em tempos e tempos, na produção de uma estética temporal, contextual e geracional.

visto que na pureza de suas manifestações a sociabilidade não tem propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo não é nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele.

Os momentos sociáveis concretos e, por conseguinte, as redes de sociabilidade das travestis, assim como a socialização, já foram bastante restritas à prostituição, conforme apresentado nas etnografias supracitadas sobre travestis. Porém, a realidade pesquisada expõe um alargamento dessas redes.

Mesmo trabalhando sistemática ou pontualmente como prostitutas, todas as interlocutoras mantêm relações próximas e íntimas com familiares, com amigas LGBs (Lésbicas, Gays e Bissexuais) - primordialmente com gays -, com colegas de trabalho e universidade, com os *bofes* (*clientes ou vícios*)⁸ e com pessoas cisgêneras⁹-heterossexuais. Esses grupos por vezes se intercalam. A classificação é apenas para visualizarmos a veiculação das travestis sobre vários grupos sociais.

O último grupo merece uma atenção especial por dois motivos: primeiro que os relacionamentos sociais e concomitantemente a amizade entre travestis e homens cis-heterossexuais, que podem ser ou não *bofes*, não é muito comum, mas existe, apesar das problemáticas sociais apontadas por elas. Karla, que trabalhava formalmente em uma clínica hospitalar e, portanto, conhecia muitas pessoas, comentava que “os homens são maliciosos, acham que ter amizade comigo significa ter sexo ou acham que eu vou querer isso, porém, jamais. Prefiro amizade do que um sexo”. Ana, que trabalhou em diversas empresas e era bastante conhecida pelo seu trabalho na militância, apontava que “os *bofes* pedem para ajeitar a amiga *mapôa* prometendo depois ficar com a trava... é essa linha, acredita?”.

O segundo motivo está relacionado à amizade das travestis com as “*mapôas*”, ou seja, as mulheres cis-heterossexuais. Todas as interlocutoras possuíam e se admiram desta relação. Segundo Gaby, que tinha várias amigas da turma do curso de ensino superior, “atualmente é bem mais comum trava amiga de *mapôa*, porque antes não era, viu?!”, essa afirmação é consentida pelas demais interlocutoras. Pelo que pudemos notar, por meio dos relatos e memórias travestis, havia um certo conflito entre elas e as “*rachas*”¹⁰ motivado tanto pelas ridicularizações que as últimas faziam com as primeiras, quanto pelos privilégios das “*mapôas*” na construção de relacionamentos públicos amorosos com homens.

Conforme assinalado anteriormente, desde quando começam a “transicionar”, as travestis já se deparam com os conflitos instauradas para/com suas semelhantes, condicionadas a serem rivais, competitivas e hostis umas com as

⁸ “*Bofes*” são homens que travestis se relacionam afetivo-sexualmente. Os *bofes* podem ser “*clientes*” ou “*vícios*”, de forma genérica a diferenciação é que os primeiros são cobrados pelo sexo e os segundos não.

⁹ Pessoa cisgênero (CIS) é aquela que se identifica com o gênero designado, a partir da genitália, no seu nascimento.

¹⁰ “*Racha*” também significa mulher. A expressão refere-se a vagina da mulher cis, ou seja, quem tem uma vagina é uma *racha*. “*Racha*” tem se tornado um termo menos usual, por causa do tom depreciativo/sexualizador que pode soar. As travestis usam a palavra geralmente quando estão aborrecidas com alguma mulher. “*Mapôa*” tem ganhado mais espaço no uso cotidiano, embora “*racha*” ainda seja utilizado.

outras, engendrando formas direcionadas de interações sociais. Entendemos “conflito” baseado na compreensão de Simmel sintetizada por Alcântara Júnior (2005), ou seja, não somente no aspecto negativo com a vida social, mas como algo recorrente nas mais variadas interações e relações sociais reproduzidas na sociedade. Citando Simmel, este autor diz que conflito também é uma forma de socição, o que encaixa perfeitamente para pensarmos a sociabilidade enquanto constituída de conflito.

Conversando sobre os conflitos entre travestis, Ana, que tinha se inserido recente na prostituição, falava que “tem que ter cuidado com a própria classe, *bi...* tem muito *truque*. Você sabe que existe aquela *linha bem baixa*, aquelas travestis que batem, travestis que brigam, né?!... As da BR num brincam não viu?!”. Em outra ocasião Karla, que passou por um procedimento cirúrgico que envolvia uma lipoaspiração e um implante de 400 ml de silicone em cada seio, comentava que “existe rivalidade demais, amiga, infelizmente. Algumas se acham superiores porque têm plásticas, porque têm mais dinheiro e não é assim não, até porque estamos no mesmo barco”. Em diálogo com Gaby, que já se prostituiu no Sudeste para conseguir dinheiro e colocar suas próteses de silicone nos seios, questionei:

pesquisadora: “Trava não costuma ser amiga de trava?”

Gaby: “(gargalhada) raramente isso acontece, bicha. 90% das travas mantêm amizade uma com a outra por puro interesse”

pesquisadora: “Sério? Por quê?”

Gaby: “Infelizmente. Não sei se isso é uma regra ou questão de caráter”.

Em conversa via WhatsApp¹¹ com Paola, que além de cabeleireira é prostituta, ela me contextualizou esmiuçadamente sua análise sobre a rivalidade e violência entre as travestis:

Existe muita rivalidade. É raro uma ser amiga da outra de verdade. Elas priorizam muito a beleza, porque elas (a maioria) criaram tipo um rótulo de quem é mais bonita é quem tem que ser respeitada, que quem faz mais programa é quem manda, muitas vezes quem ousa ser mais bonita e bater mais porta (fazer programa) do que a que já tinha esse título, elas partem pra cima, cortam cabelo, batem e etc. Quando não matam, né!? Com coisas bem fúteis elas criam rivalidades. Principalmente nesse meio de prostituição, mas existe sem ser nesse meio também. Conforme elas vão fazendo sua transição, mudando suas características elas acham que isso também [a rivalidade] é necessário pra ser uma travesti. Não são todas, claro. E hoje em dia muitas estão mudando sua forma de pensar, é como se nós tivéssemos criado uma cultura própria que para ser travesti tem que ser violenta, tem que correr riscos, tem que querer ser melhor que a outra, enfim... É um mundo muito cheio de rivalidade, onde você não pode ter dinheiro ou ser mais bonita que as outras senão você terá inimigas gratuitamente. Esse é o lado ruim de nossa classe. Mas aos poucos elas estão mudando essa realidade, muitas estão vendo que isso não é necessário, muitas estão enxergando o mundo além da prostituição (não que seja algo ruim), mas não é a única opção para as travestis como muitas pensam. Mas tem umas que não são assim, sabe!? Não tô generalizando.

¹¹ A utilização das conversas via redes sociais surge no campo na medida que fui percebendo a importância dos relatos das interlocutoras nessas plataformas digitais. O uso da “etnografia virtual” é complementar ao contato direto da pesquisa de campo.

Em paralelo a este relato, acompanhei durante a observação participante diversas situações de embates e tensões – até mesmo entre algumas interlocutoras - que expressam a rivalidade construída e naturalizada entre as travestis. Notei isso nos vários lugares que estive com elas (centro comercial, bares, festas, universidade, etc.), em ocasiões de encontro com outras travestis. Um dos motivos apontados por elas é o fato de Mossoró “ser pequena”, e como diria Ana, que aproveitava esse cenário para fazer *streak-tease* virtual em troca de dinheiro, “é muita trava para pouco *bofe* que curte, aí acaba gerando atrito entre elas”. Por outro lado, as falas das demais indicam uma motivação comum para esses conflitos, ou seja, a prostituição e suas condições precárias.

A prostituição no Brasil ainda não é regulamentada pelo Ministério do Trabalho. Questões como rufianismo, exploração sexual, condições precárias de trabalho, etc. são problemas presentes no cotidiano de uma prostituta no país. O Projeto de Lei Gabriela Leite do deputado federal Jean Wyllys (PSOL) elaborado em parceria com a Rede Brasileira de Prostitutas propõe alterações no Código Penal com intuito de reverter as condições atuais desse trabalho. É no contexto da prostituição que há os maiores índices de mortes das travestis. A *Transgender Europe* aponta para um total de 2.264 homicídios à transexuais, travestis e transgêneros, baseados em uma pesquisa sobre 68 países em todo o mundo entre 01 de janeiro de 2008 e 30 de setembro de 2016, o Brasil é o primeiro do *ranking* com 900 homicídios.¹²

“*Aquela linha bem baixa*”¹³, frase que Ana traz em sua fala, é associada diretamente às travestis que se prostituem – nas BR’s (Rodovias Federais)¹⁴ principalmente –, que são cercadas de vulnerabilidade e coerção social e acabam se envolvendo com vícios, tráfico de drogas, roubos e violência, levando, em muitos casos, à morte ou prisão delas. A “beleza” motiva a rivalidade porque a travesti mais bela é a que vai “*dominar a pista*” ou “*bater portas*”, isto é, vai ser mais desejada pelos “*bofes*” vai lucrar mais com a sua beleza na prostituição, que culmina em aquisição financeira e mais modificações estéticas, conforme Paola reflete.

A violência é fruto de condições precárias e de insegurança de um trabalho coagido sobre pessoas cujas trajetórias de vida são marcadas por espaços de sujeição, discriminação e exclusão social. Numa perspectiva michaudiana (2001), a violência das travestis também pode ser encarada como uma transgressão das regras, da ordem normativa que culturalmente as marginalizam. Nesta lógica, Girard (2008, p. 45) dirá que “a violência demasiadamente contida sempre acaba por se alastrar ao redor; infeliz daquele que estiver a seu alcance neste momento”, assim a violência também pode ser compreendida como uma válvula de escape para as travestis. Portanto, a dita rivalidade entre as travestis deve ser contextualizada e problematizada na medida que as condições de vida de uma travesti são estritamente carimbadas por uma sociedade eminentemente transfóbica. Segundo Pelúcio (2009, p. 239)

¹² Disponível em: <http://tgeu.org/tdor-2016-press-release/>

¹³ Esta expressão significa quando alguém tem atitudes totalmente desaprovadas socialmente.

¹⁴ As BR’s, com todas as problemáticas acerca do fato de serem lugares de grande vulnerabilidade, também podem ser interpretadas como um *pedaço* (MAGNANI, 1996), já que esta é uma “categoria que descreve uma particular forma de sociabilidade e apropriação do espaço” (p.14).

como pessoas que são constituídas por experiências marginais, as travestis desenvolvem respostas imaginativas para lidar com as recorrentes interpelações. Constroem uma imagem de perigo em torno de si; articulam uma rede de proteção que vai da casa à rua e, ainda que esta não evite que tenham fins trágicos, lhes proporciona meios de trânsito e defesa.

As relações sociais estabelecidas entre travestis nos diversos cotidianos sofrem interferências desse processo sociopolítico de marginalização. Desta forma, é necessário entender tal como Goffman (1988, p. 26) que “o indivíduo estigmatizado pode responder antecipadamente através de uma capa defensiva” oscilando entre o retraimento e a agressividade, que é correspondente à ideia de aversão de Alcântara Júnior (2005), que a compreende como uma forma elementar de conflito que representa um tipo de proteção social.

As reações aos estigmas se contextualizam a partir da sociedade que nós, travestis, nos inserimos. Assim como as mulheres cis são refém de um sistema patriarcal, machista, sexista e heteronormativo que as põem inconscientemente em rivalidade entre si, o mesmo pode ser dito com as travestis. Os contextos sociais e políticos de mulheres cis e trans por vezes se distanciam, por outras se aproximam. A noção de sororidade, ou seja, a união, amizade e empoderamento coletivo das mulheres, pode ser encarada como forma de resistência tanto das mulheres cis quanto das travestis, frente a um sistema que impõe uma rivalidade mútua e que molda drasticamente as redes de sociabilidade construídas.

Baseado na afirmação de Simmel (1983, p. 173) que “a sociabilidade demanda o mais puro, o mais transparente, o mais eventualmente atraente tipo de interação, a interação entre iguais”, as travestis em meio a todo esse universo conflituoso das relações sociais, sobretudo com suas semelhantes, ainda conseguem promover interações cotidianas amistosas com outras travestis. “As Bratz” é um grupo de travestis amigas, residentes em Mossoró, que costumavam sempre sair juntas para os espaços de lazer da noite mossoroense. “As Macabras” é um outro grupo de amigas que possui travestis que cultivam amizade recíproca.

Nesta perspectiva, e apesar dos relatos repletos de desconfianças, todas as interlocutoras possuíam amizades com outras travestis. Gaby tinha três amigas, apesar de nenhuma morar em Mossoró. Karla possuía a mesma quantidade, sendo que apenas uma delas residia no município, que é Paola. Ela, por sinal, dizia que “de trava mesmo, só Karla que eu considero amiga mesmo e que posso contar”. Ana também tinha quatro amigas travestis, incluindo sua irmã. O fato de Ana ser militante do movimento trans na cidade a aproxima de várias travestis da localidade, o que torna mais ampla sua gama de relações dentro do grupo, embora na própria militância exista espaço tanto para o fortalecimento do apreço, quanto do tensionamento.

De forma geral, foi possível perceber a emergência de avanços na construção de relações amistosas, de solidariedade e de apoio mútuo, ainda que incipientes e restritos. Porém, gradativamente este cenário social está modificando o estabelecimento das interações sociais cotidianas entre travestis.

Nas sinuosidades dos procesos de socialização e das redes de sociabilidade das travestis, encontramos manutenções e rupturas de modelos que são estendidos através da prostituição e do conflito social. Porém, há espaços para transformações, desde os processos de trocas e aprendizagens, até os relacionamentos estabelecidos no cotidiano, produzindo novas formas de interação em uma sociedade que insiste em abjetar a travestilidade.

3. “UM BEIJO PRAS TRAVESTIS”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“Um beijo pras travestis” faz parte do refrão da música “Um beijo” da cantora travesti Mc Xuxu que tenta expor a solidariedade e a empatia para/com as travestis. Assim como Mc Xuxu, as travestis interlocutoras da pesquisa, ainda que atravessadas por coerções produtoras de hostilidade e conflitos, elaboram fissuras nos processos de trocas e interações sociais cotidianas.

Mesmo que os estigmas sociais ainda percorram demasiadamente suas performances e a hetero(cis)normatividade continue a regular e controlar discursivamente seus corpos, as travestis produzem novos modos de vida e estratégias de sobrevivências nas resistências cotidianas frente a violência e a prostituição precária que são submergidas. Isso possibilita reconhecer e contextualizar toda a complexidade envolvendo os processos de socialização e as redes de sociabilidade. Neste sentido, as expressões identitárias sustentam-se e se propagam no âmago dessas interações complexas entre as travestis, cujos encontros e desencontros geram intercâmbios socioculturais e relações sociopolíticas conflituosas e provocadoras de mudança.

Pensando alguns processos de socialização a partir do início da transição de gênero das travestis, foi possível visualizar as projeções e apreensões mútuas, bem como os compartilhamentos entre elas, cujo interesse das trocas era excepcionalmente sobre as técnicas de manipulação do corpo, as indicações e usos de hormônios, assim como as maneiras de formulação de estratégias de sobrevivência.

Um diferencial que a pesquisa apresentou, tendo por base os estudos antropológicos clássicos com travestis brasileiras, é a ruptura com o “amadrinhamento”, por parte de travestis mais velhas com as mais novas, que assumia papel fundamental na socialização das travestis que estavam inseridas no contexto da prostituição. Essa interrupção está atrelada a aceitação familiar das travestis pesquisadas, que baseado no fato de não terem sido expulsas de casa, algo que contemporaneamente continua a acontecer, acessaram e construíram novas formas de socialização e sociabilidade. A internet também é um marco importante nessa expansão das formas de obter informações sobre os processos de travestilidade.

As redes de sociabilidade das travestis no contexto urbano mossoroense são transcorridas pela competitividade, rivalidade e pelo receio para/com outras

travestis, onde a hostilidade e as relações conflituosas são construídas e naturalizadas em um cotidiano repleto de assujeitamento, discriminação e exclusão social. A prostituição continua sendo um vetor chave nessa reflexão, pois as condições precárias que a prostituição é vivida, reforçam a vulnerabilidade, a coerção social e a violência que conseqüentemente se refletem na conflituosidade dessas redes.

Assim como a socialização, a sociabilidade entre as interlocutoras também cessa a centralidade dos espaços de prostituição como principais mediadores das relações sociais. Contrariamente e em forma de resistência há um alargamento dessas redes, onde as travestis se veiculam aos mais diversos grupos sociais, e não somente aqueles presos à prostituição, em detrimento da ocupação de outros espaços sociais e de poder, como a universidade. Em paralelo, a rivalidade socioculturalmente construída entre pessoas do gênero feminino, que atinge também as travestis, sofre pequenas fissuras na produção da sororidade entre *amapôas* e travestis.

Esta etnografia travesti, portanto, possibilitou ver a emergência de cisões, no estabelecimento das interações e trocas sociais, com a produção de confiança, de respeito às singularidades dos processos de travestilidade de cada uma e de solidariedade entre as travestis nas suas resistências cotidianas, onde todas caminham para serem “destruidoras mesmo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA JÚNIOR, José O. Georg Simmel e o conflito social. Caderno Pós Ciências Sociais – São Luís, v.2, n.3, jan./jun. 2005.

Retirado para avaliação cega

BENEDETTI, Marcos Renato. Toda Feita: o corpo e o gênero das Travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BERGER, Peter. & LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade subjetiva. In. A construção social da realidade. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.

DUQUE, Tiago. Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. Teoria e Cultura, v. 2, n. 1 e 2, 2011.

FOOTE WHYTE, W. "Sobre a evolução de Sociedade de Esquina". In. Sociedade de Esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GEERTZ, Clifford. Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIRARD, René. O sacrifício. In: A violência e o sagrado. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GOFFMAN, Erving. A representação do "eu" na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KULICK, Don. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MAGNANI, J. Guilherme. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L. de L. (Orgs.). Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

MICHAUD, Yves. A Violência. São Paulo: Editora Ática, 2001.

PELÚCIO, Larissa. Abjeção e Desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. Cadernos pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp. 217-248.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de Sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). Georg Simmel: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983. P. 165-181.